A REPRESENTAÇÃO DO CANDOMBLÉ NO CINEMA GLAUBERIANO - ANÁLISE DO FILME BARRAVENTO (1962)

Palavras-Chave: CINEMA NOVO, CANDOMBLÉ, FILOSOFIA NAGÔ

Autores(as):

Ana Carolina Maria dos Santos, IA – UNICAMP

Profª. Drª. Denise Carvalho dos Santos Rodrigues (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A seguinte pesquisa se debruça sobre a obra *Barravento* (1962), analisando as concepções de Glauber Rocha a respeito dos ritos e costumes do candomblé e como esse imaginário está presente em seu primeiro longa-metragem. Entendemos que estudar o filme *Barravento* permanece fundamental porque ele marca uma ruptura importante na história do cinema brasileiro. Produzido dentro do movimento do Cinema Novo, inaugurou uma nova preocupação em representar o negro brasileiro para além dos estereótipos vigentes, *Barravento* ressignifica as práticas religiosas de matriz africana ao apresentar seus ritos de forma inédita na cinematografia nacional até então.

Neste sentido, é essencial analisar esse momento histórico, décadas de 1950 e 1960, período de intensa tomada de consciência cultural, intelectual e política no Brasil. Foi nesse contexto que surgiu o Cinema Novo, um movimento que buscava romper com os paradigmas tradicionais e o cinema hollywoodiano, tendo Glauber Rocha como um de seus principais representantes. Os cineastas do Cinema Novo dedicavam-se a retratar o verdadeiro povo brasileiro, suas aflições, religiões e costumes, explorando regiões como o Nordeste e as periferias urbanas, muitas vezes com recursos limitados.

Nesse cenário, o Cinema Novo destacou-se como um marco na mudança da representação da população negra no cinema brasileiro. Embora a questão racial tenha sido, em muitos casos, subordinada às discussões sobre classe social, reflexo da ideologia da esquerda ortodoxa à qual muitos diretores cinemanovistas pertenciam, o filme *Barravento* já trazia, no próprio título, uma referência direta à cultura afro-brasileira. Entretanto, apesar da importância da obra para a representação da cultura negra, existem limites nessa abordagem. Glauber Rocha via os ritos e práticas do candomblé como uma forma de misticismo que alienava os negros, tornando-os passivos diante da exploração social.

Diante disso, esta pesquisa busca aprofundar a análise sobre a forma como os negros foram representados pelo Cinema Novo, com foco especial em Glauber Rocha e seu primeiro longa-metragem, *Barravento*. Em vez de analisar somente a obra em si, investigamos o processo de formação intelectual e cultural do diretor até a realização do filme, assim como os bastidores da produção.

Para enriquecer essa investigação, a pesquisa utiliza também um capítulo do livro *Pensar Nagô*, de Muniz Sodré, que oferece uma perspectiva contemporânea e filosófica sobre o candomblé, entendendo-o como uma filosofia diaspórica. Essa visão contrasta com a interpretação apresentada por Glauber Rocha e outros cinemanovistas. A partir desse confronto, o trabalho busca responder a questões fundamentais: quais são os limites da representação da cultura afro-brasileira em *Barravento*? Quais problemáticas podem ser apontadas na visão do diretor sobre os ritos do candomblé? E como compreender a importância do pensamento epistemológico de matriz africana? Essas inquietações justificam a presente pesquisa.

METODOLOGIA:

A revisão bibliográfica foi a ferramenta metodológica utilizada nesta pesquisa qualitativa com o objetivo de mapear a dimensão teórica das discussões sobre o Cinema Novo e as filosofias afro-diaspóricas, com ênfase na presença do candomblé na obra de Glauber Rocha. Fundamentado nas propostas de Salvador (1986), o plano de trabalho foi flexível, permitindo adaptações conforme o avanço da investigação, e buscando embasamento teórico por meio da identificação e análise de fontes sobre o pensamento iorubá, o cinema brasileiro e a trajetória de Glauber. A consulta a bibliotecas, acervos digitais e obras de referência permitiu a coleta de informações sobre o contexto histórico de *Barravento*, as influências que atravessaram seu autor e possíveis críticas à representação dos saberes africanos no filme. O trabalho de revisão bibliográfica foi acompanhado de fichamentos e anotações críticas, que contribuíram para a análise e interpretação dos dados ao longo da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A partir da análise bibliográfica, esta pesquisa propõe reflexões sobre as concepções de Glauber Rocha em relação aos ritos e costumes do candomblé, investigando de que forma esse imaginário se manifesta em seu primeiro longa-metragem, *Barravento*. Para isso, o estudo se dedicou ao aprofundamento do marco teórico, traçando um panorama histórico e social do contexto de formação do Cinema Novo e do desenvolvimento intelectual de Glauber até a realização do filme. A pesquisa também busca aproximar as discussões sobre o Cinema Novo de teorizações recentes sobre a liturgia afro-brasileira, questionando em que medida as formulações de Glauber sobre as práticas afrodescendentes comportam concepções eurocêntricas que desqualificam saberes não ocidentais.

Inicialmente, a pesquisa teve como foco conhecer a trajetória de Glauber Rocha e os bastidores da produção de *Barravento*, buscando entender como a realização do filme impactou o jovem diretor e qual foi seu grau de influência sobre o resultado final da obra. Para aprofundar essa investigação, foram fundamentais leituras como a tese de doutorado de Edmar Tetsuo Yuta (*Glauber Rocha e a Formação do Cinema Novo*, 2004), que analisa o processo de formação intelectual de Glauber e de seus futuros companheiros cinemanovistas,

destacando a importância do contexto histórico do final da década de 1950 e da origem social de Glauber na classe média baiana. Esse recorte sociológico foi complementado pela obra *Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna*, de João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais, que permitiu compreender o processo de modernização do país por meio das mudanças nos hábitos e padrões de consumo.

A ascensão da classe média nos anos 1950, impulsionada por transformações econômicas e geração de empregos, é o pano de fundo em que se insere a família de Glauber, condição essencial para sua formação e atuação no cinema brasileiro. Além disso, a leitura de trechos da biografia *Glauber Rocha, esse vulcão*, escrita por João Carlos Teixeira Gomes, contribuiu para compreender com mais profundidade os primeiros anos de vida e desenvolvimento intelectual do cineasta.

Outro material importante consultado nesta pesquisa foi o trabalho de conclusão de curso *Ideias ao vento: Glauber Rocha na Bahia*, de Raquel Pereira Alberto Nunes. A leitura desse texto contribuiu para a compreensão da construção do pensamento social nos anos 1950, especialmente no que diz respeito ao debate intelectual da época. Nunes destaca que os intelectuais buscavam definir um caráter nacional e popular para a cultura, aspecto essencial para entender o ambiente em que Glauber Rocha se formou.

Além disso, a pesquisa se apoiou em dois textos fundamentais do crítico Paulo Emílio Salles Gomes: *Cinema: trajetória do subdesenvolvimento* e *Uma situação colonial*. No primeiro, o autor traça um panorama histórico do cinema brasileiro até os anos 1960, dividindo suas fases e refletindo sobre os caminhos da produção nacional, leitura valiosa para compreender o desenvolvimento cinematográfico do país. Já o segundo texto, apresentado na I Convenção Nacional da Crítica Cinematográfica em 1960, fornece uma análise crítica do cinema brasileiro à época do surgimento do Cinema Novo, caracterizando-o como parte de uma estrutura de produção audiovisual marcada por relações coloniais. Ambos os textos foram fundamentais para situar historicamente o movimento cinemanovista e suas propostas de ruptura estética e política.

Afunilando a discussão, chegamos à obra fílmica em si: *Barravento*. O trabalho se deteve em realizar um apanhado das principais teses sobre o filme, destacando duas em especial: a primeira, bastante conhecida, está presente no livro *Sertão Mar*, de Ismail Xavier; a segunda foi apresentada pelo professor Renato Silveira no texto *O Jovem Glauber e a ira do orixá*, publicado em 1998. Neste último, Silveira refuta de forma direta e contundente a análise de Ismail Xavier sobre diversos aspectos do filme.

A leitura do texto de Renato Silveira revelou-se crucial para o aprofundamento da discussão. O autor não apenas desenvolve uma crítica incisiva à tese elaborada por Xavier, que argumenta que Glauber Rocha teria aderido aos valores da comunidade de pescadores negros representada em seu primeiro longa, como também descreve os bastidores da produção de *Barravento*, nomeando os reais responsáveis por o filme ter se tornado uma ode à cultura afro-baiana. Silveira tece duras críticas ao jovem Glauber, destacando seu desconhecimento sobre o candomblé e apontando como seu discurso era atravessado pelo legado da antropologia evolucionista.

A partir dessas leituras, chegamos à discussão fundamental: a postura eurocêntrica de Glauber Rocha. O letreiro inicial do filme é revelador nesse sentido: “Permanecem até hoje os cultos aos deuses africanos e todo esse povo é dominado por um misticismo trágico e

fatalista. Aceitam a miséria, o analfabetismo e a exploração com a passividade característica daqueles que esperam o reino divino."

Logo nos primeiros segundos do filme, como apontado por Renato da Silveira, torna-se nítido que essas palavras foram proferidas por alguém que desconhecia profundamente o candomblé. Para aprofundar a compreensão sobre a complexidade dessa tradição religiosa, que Glauber ignorava, realizamos a leitura do capítulo 2, "Filosofia a toques de atabaque", do livro *Pensar Nagô*, do professor e sociólogo baiano Muniz Sodré. Nessa obra, o autor desenvolve uma discussão densa e sofisticada ao defender o pensamento nagô como uma cosmovisão, uma filosofia. Um ponto central na aproximação entre a reflexão de Sodré e o objeto audiovisual aqui analisado é a noção de *alacridade*, entendida como a regência e potência na prática do candomblé.

Segundo Sodré, enquanto o cristianismo se fundamenta no amor, é a alegria o princípio orientador da *Arché* nagô. Isso significa que o indivíduo não é conduzido por abstrações universais, mas por signos e palavras que induzem à ação. Como afirma o autor: "É a alacridade singular e concreta (e não um abstrato amor universal) que norteia a prática litúrgica da Arché negra."

No candomblé, os ritos de renovação do axé compreendem uma dinâmica de continuidade da existência, o que nada tem a ver com os julgamentos feitos por Glauber Rocha. O candomblé não se alinha à resignação e à obediência cega. Muito além de uma religião, suas práticas constituíram, por séculos, um espaço de resistência frente às práticas coloniais e à exploração dos escravizados. Ademais, os ensinamentos do candomblé compõem um complexo sistema de observação e leitura do mundo, que foi sistematicamente desconsiderado, sofrendo um epistemicídio histórico.

CONCLUSÕES:

Concluímos, portanto, que, embora *Barravento* represente um marco na mudança de paradigma da representação do negro no cinema brasileiro, suas imagens do candomblé refletem o imaginário pessoal de Glauber Rocha, influenciado por sua formação cristã, origem social e pelo pensamento marxista de sua época. Sua leitura limitada das práticas litúrgicas afro-baianas resultou em uma representação eurocentrada e distorcida, que ignora a profundidade do candomblé enquanto cosmovisão. A partir da obra de Muniz Sodré, torna-se evidente que reconhecer e valorizar os saberes nagôs segue sendo um desafio urgente e necessário para a produção intelectual brasileira.

BIBLIOGRAFIA

BARRAVENTO. Direção: Glauber Rocha. Brasil: Copacabana Filmes, 1962. 1 filme (78 min). Preto e branco, sonoro.

BENTES, Ivana (Org.). **Glauber Rocha: Cartas ao mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOMES, João Carlos Teixeira. **Glauber Rocha, esse vulcão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Uma situação colonial?** São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

NOVAIS, Fernando Antonio e MELLO, João Manuel Cardoso de. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea.** Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NUNES, Raquel Pereira Alberto. **Ideias ao vento: Glauber Rocha na Bahia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica.** Porto Alegre: Sulina, 1986.

SILVEIRA, Renato. **O jovem Glauber e a ira do orixá.** Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 39, p. 88–115, 1998.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

XAVIER, Ismail. **Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

YUTA, Edmar Tetsuo. **Glauber Rocha e a formação do Cinema Novo**. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, São Paulo, 2004.